

Uma visitante ilustre: Cecília Meireles entre a política e a poética no Instituto Nacional de Surdos-Mudos¹

Solange Maria da Rocha*

*Doutoranda em Educação – PUC – RJ. Mestre em Educação Especial – UERJ. Pedagoga – UERJ.

Licenciada e Bacharelada em História – UFF.

Professora do INES.

Cecília Meireles formou-se professora em 1917, pela Escola Normal do Rio de Janeiro. Em 1930, assumiu a direção de uma página diária sobre educação no Jornal Diário de Notícias do Rio de Janeiro. Como enuncia Neves et alli (2005), a criação de seções específicas na grande imprensa e, conseqüentemente, a diversidade dos temas tratados, tornou a crônica um gênero de forte aceitação junto ao grande público. A Página de Educação sob a responsabilidade de Cecília parece corresponder à tensão apontada por Neves et

alii (2005:17) entre “a tarefa de comentar a realidade e o intuito de transformá-la”. Signatária do *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*², a cronista defendia a educação pública, universal e laica. As crônicas publicadas diariamente, de 1930 a 1934, escritas por ela, ou com o seu apoio, revelam-se um meio de divulgação de seus ideais de forte coloração iluminista.

Sabe-se que em toda obra de Cecília, a infância tem um lugar de destaque, não só em sua produção poética, como em seus textos sobre educação, como destaca Corrêa (2001:124).

“A criança, ser da natureza, não portadora da razão adulta, marcada pelos atributos da sensibilidade, emoção e imaginação, submete-se à direção do adulto que deve moldá-la de acordo com as diretrizes por ele determinadas. Para os educadores da Escola Nova e, especificamente, para Cecília Meireles, cabia formar o homem novo, configurado pelo humanismo universal.”

Com o título “Justiça social para a criança brasileira”, Cecília inicia uma série de visitas a institutos de proteção e educação especializada, para saber como o Brasil cuida da infância mal favorecida.

¹ Desde 1957, com a denominação de Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, vinculado ao MEC.

² O “Manifesto dos Pioneiros” foi dirigido ao povo brasileiro e ao governo em março de 1932. Foi assinado por vários educadores que, na época, assumiram compromisso com o debate público sobre a reconstrução nacional e atribuíram à escola pública o papel democratizador do acesso à educação. (XAVIER et alli, 2004:8)

VISITANDO O ACERVO DO INES

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

170

Quinta-feira, 12 de Fevereiro de 1931

DIARIO DE NOTICIAS

7

PAGINA DE EDUCAÇÃO

COMMENTARIO

UM PEDIDO NAS VESPERAS DO CARNAVAL

Não sei se, já tão perto do Carnaval, os leitores estarão a aguardar a um pedido. Não entanto, como a vida só se sustenta de esperanças, é possível crer num milagre de Deus.

Para justificar o pedido, preciso expor o seguinte: Quem já teve a calma suficiente para atravessar a cidade num dia de Carnaval sem se deslumbrar com as cores e as luzes, sem se atordoiar com os cheiros e os rythmos, sem passar da attitude de espectador a de actor, terá provavelmente ex-celsa clamorosa: Uma grande quantidade de pessoas adquire, ou por gosto, ou por loucura, ou por habito, a multidão carnavalesca, arrastando por essas columnas de gigantes "lhinhos de todos os tamanhos" — alguns ainda de peito que vão aos berros, protestando contra o abuso do mais forte sobre o mais fraco.

A creluma carnavalesca sobe muito alto, para que se possa ouvir o grito das crianças atormentadas no seu sonho, com os nervos sacudidos na trepidação geral, nasustadas com o jorro frio do ether, com as nuvens asphyxiantes de confetti, a inesperada queda dos rolos de serpentina...

Enquanto as vozes desen-treadadamente gritam cantigas mais ou menos grossas, o choro das criancinhas, arrebatadas ao berço para assegurarem ao adulto os divertimentos carnavalescos, se estingue de canendo, sob a indiferença geral.

Justiça social para a criança brasileira!

Percorrendo institutos de protecção e educação especializada, para saber como o Brasil cuida da infancia mal favorecida -- Impressões de uma visita ao Instituto Nacional de Surdos-Mudos

Um sol terrivel. Mas o parque com arvores floridas e grandes mangueiras, estendo sombras acaloras.

E ao fundo, do encontro á montanha esverdeada que vao ascendendo até o céu todo azul, o grande edificio branco spruma tolas nas suas janellas.

Aqui está, neste grande predio da rua das Laranjeiras, construido em 1913-14, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos.

E na secretaria, logo acima da sacada central, o seu actual director nos espera.

UMA PALESTRA PRELIMINAR

O dr. Armando Lacerda fala pouco. E, além de falar pouco,

DOZE CRIANÇAS VESTIDAS DE AZUL

E' assim com esse rythmo de quem-vas realizar uma obra em que pde toda a sua esperanca, e de quem tem confiança no idealismo-verdadeiro dos homens da Revolução, que o dr. Armando Lacerda nos conduziu pela ala esquerda do edificio.

Ha uma larga escada, que vao ao segundo pavimento. Sob essa escada, longos bancos de madeira. E, de um lado para o outro, espreitando curiosas, gosticando, rindo, encheendo-se com desconfiança pelos cantos, ou olhando passivamente ao acaso, umas duas crianças vestidas de mescla azul,

CECILIA MEIRELES (Exclusividade da "Pagina de Educação")

E recordámos a estatística dos 20 mil e tantos surdos-mudos brasileiros.

— Depois ou lhe explicarei porque não pode ser...

— E como é que estão classificadas estas crianças, de aspectos tão diferentes?

Parcei que o director do Instituto já conlava com a nossa pergunta. Sorriu como quem diz: "Ahi está uma pergunta que eu sabia que tinha de vir".

E diz-nos, fazendo os respectivos gestos:

— Olhe, uma chama-se assim: e applica a mão em concha sobre a orelha. Outro, assim: e bate no queixo com dolo dedgo. Este, assim: e toca o labio inferior...

Dahi a pouco sei o nome de todos. Ensinie para ver se dá certo. E os pequenos me aprovam, contentissimos. Como se a gozar de estar ali. Tenho vontade de dizer uma porção de coisas ásquelas crianças. Cheguei mesmo a dizer

atrás do nó, acruindo-nos todos os gestos e todos os movimentos dos labios.

A sapataria de I. N. S. M. tornea o calçado para os asiados. Os alumnos-aprendizes trabalham com verdadeiro gosto, nesse officio. O chefe, homem de phisionomia agradável, paternal, acostumado áquella convivio com as crianças, diz, absolutamente convencido:

— Aprendem mais depressa que os "falantes" (falante é quem não é surdo-mudo, pelo sua classificação).

— Os pequenos vêm o photographo preparar do novo a machina, e põem-se outra vez muito alegres. Um, que estava cozendo sola, pu-

Saber dizer... Curso pratico e facil para todos

SINIOES COELHO

63° - 2ª Série

CONSELHO QUE A PRATICA

Para o estudo da dicção, a arte de ouvir e de observar a natureza, é um auxiliar da primeira necessidade, que o artista jamais deverá esquecer.

É unicamente escutando-se que o discipulo apreciará os diferentes tons, que o sentimento, a paixão, e as commoções dão á voz, conforme os individuos e as circumstancias.

O ouvido lhe fará compreender que os habitos sociais, o logar, a situação, modificam sensivelmente o modo de dizer dos individuos: — um padre, um medico, um enfermeiro, falam habitualmente numa entoação mais baixa, do que um pescador, um vendilhão das ruas, costumados a falar ao ar livre.

Foderemos observar nas povoações das montanhas, das florestas ou da beira-mar, onde o sussuro do vento e das ondas é quasi constante, que o modo de falar de toda a gente é de entoação alta e prolongada, bem differente dos habitantes das localidades serenas e calmas.

Quanto ás circumstancias da situação, — é certo que um mesmo individuo falará mais alto ou mais baixo conforme o local, etc. Não falará no quarto de um enfermo, do mesmo modo que na praça publica.

A palavra ouvida, no sentido musical, é quasi synonimo



Aspectos das officinas de encadernação e sapataria, do Instituto Nacional de Surdos-Mudos

As crônicas publicadas nos dias 11, 12 e 14 de fevereiro de 1931 trazem sua assinatura e são decorrentes de sua visita ao Instituto Nacional de Surdos-Mudos.

As três crônicas publicadas encontram-se ordenadas, de maneira que a primeira apresenta uma discussão sobre o sentido da educação, uma crítica ao antigo regime e introduz o tema da surdo-mudez, baseada no trabalho do Dr. Oliveira Bacellar³, que realizou uma pesquisa sobre surdez, percorrendo institutos especializados em todo o Brasil.

Ainda nesta primeira crônica, fica claro seu apoio político ao

jovem médico Armando Paiva Lacerda, que assumiu a direção do Instituto identificado com os ideais escolanovistas.

Na segunda crônica, narra sua visita à Instituição e também seu contato com as crianças surdas, oportunidade em que sua poética dialoga com um mundo desconhecido de crianças que falam com as mãos.

Na terceira crônica, publica a entrevista que realizou com o recém empossado diretor, aderindo claramente à sua proposta de intervenção médico-pedagógica.

Cópias dessas crônicas poderão ser encontradas no acervo histórico da Biblioteca Pública do Instituto Nacional de Educação de Surdos — INES.

CORRÊA, Luciana Borgerth Vial, (2001). *Criança, Ciência e Arte*. In: NEVES, Margarida de Souza; LOBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (org.) *Cecília Meireles: A poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Loyola, 2001.

NEVES, Margarida de Souza; LOBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (org.) *Cecília Meireles: A poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Loyola, 2001.

³ Dr. Arnaldo de Oliveira Bacellar, médico que defendeu sua tese de doutorado em 1926, pela Faculdade de Medicina de São Paulo, intitulada *A Surdo-Mudez no Brasil*. Consta um exemplar deste trabalho na biblioteca do INES.